

## O GEPP na arqueologia portuguesa do último quartel do século XX

António Carlos Silva\*

“Sinal de que estamos velhos”, pensei, quando recebi de amiga comum o pedido de colaboração para um livro de homenagem ao *Francisco Sande Lemos*, colega desde os tempos da Faculdade de Letras de Lisboa, para onde ambos entrámos nos finais de 1970. É certo que o Francisco era um pouco mais velho que a maioria dos alunos do curso de História iniciado esse ano (1970-75), pois interrompera os estudos por causa da “tropa”. E, talvez também por isso, recordo que, do pequeno grupo que espontaneamente se constituiu em torno do interesse partilhado pela Arqueologia, era dos que mais se destacava, não apenas pela sua maior bagagem de vida ou pelo seu sentido prático algo peculiar mas sobretudo pela objectividade e clareza dos seus já então inequívocos propósitos profissionais. Por todas essas características, ele acabava por estabelecer a ponte geracional entre “nós” e o Vítor Oliveira Jorge, seu “contemporâneo” mas já então “finalista” de História, o fundador e líder natural do *Grupo de Estudos do Paleolítico Português (GEPP)* e, tal como o Francisco,

---

\* Arqueólogo. Direcção Regional de Cultura do Alentejo.

claramente decidido em construir uma carreira na Arqueologia portuguesa. Numa época em que não havia ainda em Portugal “arqueólogos profissionais” e em que, enquanto estudantes, aspirávamos na melhor das hipóteses, a ser professores para podermos fazer alguma “arqueologia” nos tempos livres, não imaginávamos o Francisco a ter outra profissão ou a fazer outra coisa, que não fosse precisamente “Arqueologia”. E julgo que tal persistência, por vezes quase insensata, na perseguição de um sonho que parecia impossível, para além do exemplo e do estímulo que representava para os colegas, acabou por abrir portas e desbravar caminhos que mais tarde outros trilhariam. Porque entretanto o Francisco já partira para “outra”, pois era também óbvia alguma inquietude temperamental que o impedia de seguir muito tempo na mesma direcção, tal era a sua curiosidade e gosto pela descoberta e pela experimentação de novos caminhos. Afinal, não foi o Francisco Sande Lemos que levou para o distante Ródão os colegas do *GEPP*, provocando com esse acto o desencadear de um grande e inédito projecto de salvamento arqueológico que pela sua amplitude, pelo cariz não oficial e, sobretudo, pelo envolvimento colectivo de tantos estudantes, acabaria por ser um projecto fundador, em que toda uma geração de arqueólogos se identifica? Não foi o Francisco que nos mostrou, arriscando ir lá primeiro, que era “lá fora”, nomeadamente na escola Francesa onde prontificavam André Leroi-Ghouran ou Henri de Lumley, que teríamos de ir aprender, praticando, para redescobrir a nossa própria “Pré-história”? Não foi o Francisco que logo que surgiu uma nesga de oportunidade “profissionalizante” no ainda experimental mas já “oficioso” Campo Arqueológico de *Bracara Augusta*, trocou de imediato a relativa segurança do seu “universo lisboeta” por um Norte para si quase desconhecido? Não foi também o Francisco que, com meios limitadíssimos, mas congregando os recursos de diversas instituições, em “rede”, como hoje se diz, conseguiu pôr a funcionar, com reconhecida eficácia e verdadeiro sentido de serviço público, o Serviço Regional de Arqueologia do Norte cuja direcção abandonaria logo que considerou consolidado o projecto? Não foi, finalmente, o Francisco que com o seu deambular sistemático pelas terras transmontanas, no ensejo de abarcar e compreender a longa diacronia do seu povoamento, cedo começou a pôr em prática uma “arqueologia espacial”, sem balizas cronológicas ou restrições funcionais, (é ele que começa mesmo a falar em “arqueologia rural”) sendo mais uma vez pioneiro na vulgarização de práticas de reconhecimento territorial, prospecção e registo arqueológico

que hoje, graças às novas ferramentas informáticas e cartográficas, começam finalmente a generalizar-se no âmbito da chamada “arqueologia preventiva”?

Assim, à revelia das recomendações do próprio Francisco Sande Lemos, que em artigo publicado em 1997 na revista FORUM da Universidade do Minho, a propósito de uma minha anterior incursão memorialista, recordava que “*cumprir ao futuro julgar e apreciar o valor dos contextos geracionais, bem como o mérito dos percursos individuais*”, não resisto através da presente e merecida iniciativa de homenagem, retomando uma comunicação ainda inédita que apresentei a um Colóquio organizado pelo Museu de Castelo Branco em Abril de 2008, em relembrar o contexto em que apareceu o *Grupo de Estudos do Paleolítico Português* (GEPP) no início da década de 70 do Século passado e tecer algumas considerações sobre o papel que os seus jovens membros, incluindo naturalmente o homenageado, colectiva ou individualmente, iriam assumir no processo de transformação da Arqueologia no último quartel do Século XX em Portugal.

## As origens do GEPP

### Grupo de Estudos do Paleolítico Português

Enquanto organização, o GEPP não era mais do que uma pequena associação informal, espécie de “tertúlia” de estudantes universitários, nascida em Lisboa no início dos anos 70 e dinamizada nos seus primeiros tempos por Vítor Oliveira Jorge, empenhado pela Arqueologia desde os bancos do Liceu e então finalista de História na Faculdade de Letras de Lisboa, preparando a respectiva “dissertação de licenciatura”. Nunca se chegando a institucionalizar, o “GEPP” funcionou sobretudo como “projecto aglutinador” de jovens universitários ou pré-universitários particularmente interessados por esta disciplina os quais, ainda que partindo de motivações e experiências diversas, tinham em comum a falta de perspectivas em relação a um futuro enquadramento profissional enquanto arqueólogos. Vítor Jorge escolhera como tema para a sua tese de licenciatura,

o "Paleolítico Antigo no litoral estremenho e alentejano" estabelecendo por essa via um ambicioso programa para o seu estudo, assumindo desde logo uma atitude bastante crítica relativamente aos estudos tradicionais dos Serviços Geológicos de Portugal, a entidade que monopolizara durante décadas os estudos nesta temática. Para via desse projecto, de algum modo assumido colectivamente, atraíra ainda em 1969 diversos amigos e colegas constituindo um efémero "*Gabinete de Estudos Arqueológicos*", antecessor imediato do GEPP, que reunia na cave de um prédio vizinho do Instituto Superior Técnico. Tal atitude de desafio, que inspiraria os futuros colaboradores do GEPP, não resultava, porém, apenas de um espírito de contradição geracional ou de demarcação temático-territorial, esta especialmente típica da Arqueologia portuguesa tradicional. Com efeito, Vítor Jorge, acompanhando o movimento mais amplo de reflexão epistemológica do pós-guerra cujos ecos chegavam finalmente a Portugal, interessa-se pelo lugar e o papel da Arqueologia ou "Paleoantropologia Cultural" como lhe chamaria, no contexto das ciências humanas. É nesse âmbito que aparecerá como um dos organizadores do colóquio que terá lugar no Instituto Superior Técnico em Abril de 1970 dedicado ao tema da "Epistemologia das Ciências do Homem"<sup>1</sup>. Nesse encontro, Vítor Jorge, finalista de Letras e com apenas 22 anos, apresentará a comunicação "Estatuto Epistemológico da Paleoantropologia Cultural", "*um programa de reflexão sobre o estatuto do campo de investigação que lhe interessa, de natureza interdisciplinar mas que nem uma designação possuía*" (JORGE, 1977) e daí o recurso à expressão "Paleoantropologia Cultural", partindo de leituras tão diversas como Robert Blanché, Gordon Childe, David Clarke ou mesmo Jean Piaget e marcando desde logo uma ruptura com a tradição historicista ou meramente arqueográfica da Arqueologia pré-histórica portuguesa que informaria a atitude da geração que então já inspirava com o seu exemplo. De facto, ainda que a Arqueologia, no seu sentido amplo e tradicional representasse o factor aglutinante de base entre o grupo que se congrega em torno do projecto GEPP, para além do interesse específico pela temática paleolítica, ele seria também sustentado por um ambiente intelectual consciente e aberto à necessidade de mudança ("Maio de 68" e tudo o que lhe estava associado, acabara de acontecer, com alguns ecos em Portugal, apesar da natureza do regime) e de busca de uma nova prática científica para a qual seria indispensável um novo contexto social e profissional. Apesar das inevitáveis contradições, mais conceptuais ou geracionais do que

ideológicas, revelar-se-ia essencial a abertura de espírito do Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Fernando de Almeida, professor de Vítor Oliveira Jorge na Faculdade de Letras de Lisboa. Este, ao arrepio do que fora a tradição do seu antecessor Manuel Heleno no relacionamento com o meio arqueológico, facultou o acesso ao Museu dos membros do GEPP e cedeu nele um espaço físico para seu funcionamento. Essa circunstância criaria as condições para uma alguma estabilização do grupo e relativa produtividade das suas iniciativas e actividades.

Na Primavera de 1971, os membros do GEPP como Vítor Jorge, Susana Rodrigues (hoje Susana Oliveira Jorge), Jorge Pinho Monteiro, Maria Querol, Francisco Sande Lemos, José Mateus, Luis Raposo, entre outros, reuniam já com alguma regularidade no Museu de Belém, onde discutiam as linhas de pesquisa e planeavam as saídas de campo. Estas ainda que à partida, não excluíssem a prospecção de qualquer formação quaternária do território português, acabavam por se orientar, quer por razões de maior acessibilidade quer pelos interesses imediatos da “tese” de Vítor Oliveira Jorge, para a batida das praias fósseis da fachada atlântica estremenha para observação de cortes e recolha de materiais líticos. Com aquelas recolhas, e por proposta do Director do Museu, os membros do GEPP viriam mesmo a organizar uma vitrina dedicada aos “seixos afeiçoados”, enquanto testemunhos da mais remota presença humana no território português, revelando desde cedo especial atenção à função social da disciplina.

Foi no contexto destas actividades iniciais que sob proposta de Francisco Sande Lemos, surgiu a oportunidade de uma primeira excursão do GEPP aos terraços fluviais do Médio Tejo, na zona de Vila Velha de Ródão. A par das circunstâncias de ordem prática que estiveram na origem dessa saída, o Ródão apresentava-se como terra fértil para a aplicação no terreno das novas perspectivas metodológicas e teóricas que incubavam nos elementos mais informados do grupo. Com efeito, apesar das observações geomorfológicas de Orlando Ribeiro nos anos 40, a região era do ponto de vista arqueológico ainda território virgem, já que o clássico estudo de Henri Breuil e G. Zbyzewski sobre as formações quaternárias lusitanas e respectivos vestígios Paleolíticos, no que ao Tejo dizia respeito, se ficara pelos terraços do Baixo Tejo. Em concreto, a primeira deslocação do GEPP ao Ródão viria a acontecer no Outono de 1971,

integrando além do proponente Francisco Sande Lemos, os estudantes Jorge Pinho Monteiro, Susana Rodrigues e Maria Querol. Os primeiros, em vésperas de iniciarem o 2.º ano do curso de História e a última, estudante universitária espanhola de origem estremenha, interessada em Paleolítico e então em busca de temática de investigação em terras lusas. Vítor de Oliveira Jorge, acabaria por não participar nesta deslocação por se encontrar naquela data em Moçambique. Se bem que a prospecção das formações quaternárias, a jusante e a montante das Portas do Rodão em busca de indícios de ocupações paleolíticas fosse o principal objectivo dessa primeira deslocação, por sugestão do etnólogo Paulo Caratão Soromenho, na altura sogro de Francisco Sande Lemos e pessoa com ligações familiares ao Ródão, mais concretamente ao vizinho Fratel, a equipa aproveitaria a estadia na região para confirmar uma curiosa informação oral recolhida localmente há mais de duas décadas pelo etnólogo, sobre estranhas figuras gravadas nas rochas à beira Rio. Por razões conhecidas que a seguir recordaremos, esse objectivo secundário viria a alterar toda a futura actividade do GEPP e a marcar definitivamente as opções de vida de alguns dos seus elementos.

## A descoberta da Arte Rupestre do Vale do Tejo

Vale a pena, pelo modo franco e emotivo como descreve o acto da descoberta, seguir através do testemunho do próprio Caratão Soromenho, a narrativa dos acontecimentos associados à identificação da "Arte Rupestre do Vale do Tejo", facto que ainda hoje se poderá considerar como o "grande achado arqueológico da Beira Baixa" em todo o Século XX. Em comunicação feita ao Grupo de Amigos de Lisboa, um ano depois dos acontecimentos descritos, o etnólogo revelaria ter conhecimento, desde 1946, da existência de "pedras escritas" nas margens do Tejo, junto à estação dos caminhos de Ferro do Fratel e próximo das Portas do Ródão, graças a informação de um antigo imigrante nos EUA, José Coelho, já falecido na época. A deslocação do genro Francisco Sande Lemos e dos colegas ao Ródão, proporcionaria finalmente a ocasião para uma descida conjunta ao Rio, na qual participaram também, para além do próprio

Caratão Soromenho e dos membros do GEPP já referidos, a estudante Maria Helena Afonso, então companheira de Jorge Pinho Monteiro, o barqueiro do Arneiro, Manuel Esteves e Vítor Coelho Martins habitante do Fratel, primo do informante original, o imigrante José Coelho. *“Foi no dia 31 de Outubro de 1971 que se confirmou o achado, tão importante, da arte rupestre tagana. Era um domingo, de manhã: uma manhã lindíssima, cujo céu, já o disse algures, era diáfano, como o céu da Caldeia – uma manhã admirável de Outono, preparatório de um belo Verão de São Martinho. Tudo era calmo... e foi então que se deu esse facto notável de penetrarmos num Passado, durante milhares de anos à vista de toda a gente, e de que ninguém falara, ninguém conheceu. Entrávamos em comunicação com o povo misterioso que gravou aquelas pedras. Coisa extraordinária, num dos dias mais maravilhosos da minha vida”*. (SOROMENHO, et alii, 1972).

Apesar de naquela primeira viagem, se ter confirmado, como era previsível, a existência de vestígios paleolíticos nos desenvolvidos terraços quaternários localizados a montante e a jusante das formações quartzíticas do Ródão, as conhecidas “Portas do Ródão”, ficava claro que a agenda do GEPP estava definitivamente alterada. Ainda em Novembro, dá-se nova deslocação ao Ródão, desta vez já com a participação de Vítor Oliveira Jorge e do arqueólogo sénior Eduardo da Cunha Serrão<sup>2</sup> cuja idade, currículo e prestígio, deveria garantir a “autenticidade” e “importância” da descoberta que, não seria facilmente reconhecida por alguns meios (FERREIRA, 1973). Em Dezembro a Junta Nacional de Educação é informada formalmente da descoberta e sabendo-se que a Barragem de Fratel, então em adiantada construção, deveria encerrar as comportas no Verão de 1973, o GEPP apresenta um pedido de autorização para se ocupar do respectivo estudo, pedido que como era normal face à prática da época, deveria ser subscrito, em primeiro lugar, por um arqueólogo com provas dadas, no caso o próprio Eduardo Cunha Serrão. O pedido de autorização foi deferido em 13 de Janeiro de 1972 e por essa altura surgiram as primeiras notícias da descoberta na imprensa portuguesa e estrangeira<sup>3</sup>.

Revelando plena consciência das limitações da pesquisa arqueológica que então se fazia em Portugal e sobretudo uma grande preocupação com o acompanhamento das novas práticas científicas que advogavam, logo nessa Primavera de 1972 e no âmbito dos preparativos dos trabalhos de campo, Vítor

Oliveira Jorge consegue um subsídio do Ministério da Educação Nacional que permitirá a sua deslocação a Paris juntamente com alguns elementos do GEPP, nomeadamente Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Susana Rodrigues e Maria Querol. A França era então a principal referência para a paroquial arqueologia portuguesa e os contactos pessoais que aquele grupo de jovens consegue estabelecer com figuras como André Leroi-Gourhan, Arlette Laming-Emperaire ou Michél Brezillon teriam decisivas implicações futuras. No imediato e do ponto de vista prático, resultaria a "descoberta" das aplicações do "látex" como forma de registo expedito, especialmente adequado às situações de "salvamento de urgência". Brézillon, então assistente de Gourhan, utilizava há alguns anos o "latex" nas moldagens dos solos de ocupação paleolíticos ou das gravuras rupestres do Sahara, tendo sugerido a sua aplicação ao registo da arte rupestre no Vale do Tejo, conselho que seria seguido com evidente sucesso (QUEROL, et alii, 1975). Mas esta viagem abriu ainda outras portas, no que respeitava à arqueologia paleolítica. Nesse mesmo Verão, Francisco Sande Lemos participa na qualidade de estudante voluntário na escavação do habitat "magdalenense" de *Pincevent*, dirigida por André Leroi-Ghouran e então um "chantier-école" de referência, e na da conhecida *Gruta de Tautavel*, sob a direcção de Henri de Lumley. No Verão de 1973 regressaria a *Pincevent*, desta vez já com novos colegas, nomeadamente Manuela Martins, João Ludgero e o signatário destas linhas, do grupo de alunos de História que tinham tido o seu "baptismo arqueológico" nos trabalhos do Tejo. Era o início de uma fase de aprendizagem importante para vários elementos do GEPP e outros jovens arqueólogos que viriam a estabelecer contactos e relações informais que nalguns casos perduraram até hoje.

As primeiras comunicações públicas de carácter mais científico sobre as descobertas do Ródão tiveram lugar em Maio de 72, na Faculdade de Letras de Lisboa e na Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses, então liderada por Eduardo Cunha Serrão. Nessas comunicações são entretanto anunciadas novas descobertas no Tejo que começava a mostrar uma realidade inesperada, só a pouco e pouco apreendida pelos próprios descobridores, de que se estava na presença de um grande "complexo de arte rupestre" desenvolvendo-se por núcleos sucessivos, ao longo de dezenas de quilómetros. Com efeito, após as primeiras descobertas nos bancos de



xisto fronteiros à estação de Caminho de Ferro, seguir-se-iam, na direcção da Barragem de Fratel, a jusante, os núcleos do Chão da Velha, Silveira e Foz do Ocreza, este já depois da Barragem e não longe do local onde recentemente se identificaram novas gravuras, algumas datadas do Paleolítico. A partir de 25 de Junho de 1972 deram-se as primeiras descobertas a montante das Portas de Ródão. Primeiro na margem alentejana (Ribeira de Ficalho), depois na margem direita, onde próximo da aldeia de Perais se identifica o riquíssimo conjunto do Cachão do Algarve. Finalmente, ao longo do Verão de 72, descobrem-se os últimos conjuntos: Silveira e Gardete, ainda a jusante das Portas do Ródão e por fim, a Lomba da Barca, Alagador e São Simão, este já próximo dos limites ocidentais do "Tejo Internacional". Já então, as equipas de campo iam muito além do núcleo inicial do GEPP, incluindo sobretudo estudantes da Faculdade de Letras, predominantemente dos cursos de História de 1970, 71 e 72, ainda que nem todos especialmente motivados pela Arqueologia. Mesmo correndo o risco de omissões injustas, recordemos alguns nomes, referindo desde logo a ausência forçada de Vítor Jorge que, após a defesa da tese de Licenciatura em 1972, partira no início de 1973 para Angola, onde ocuparia um lugar de assistente universitário no Bacharelato de História que fora recentemente instituído em Sá da Bandeira (Lubango). Com ele parte também a sua colega e futura esposa Susana Rodrigues (Oliveira Jorge). Dos mais "antigos", e para além do papel já referido de "patrocinador científico" e por vezes até "financieiro", de Cunha Serrão, destaque-se mais uma vez, a acção de Francisco Sande Lemos, coordenando em particular as tarefas da prospecção, quer dos vestígios rupestres propriamente ditos, quer do contexto territorial de cada núcleo, encarado sempre essa contextualização numa perspectiva cronológica e cultural abrangente. Jorge Pinho Monteiro assumiria a responsabilidade pela organização do registo descritivo e gráfico dos motivos rupestres, incluindo a fotografia, com a colaboração próxima do autor. Finalmente, António Martinho Baptista originário do grupo dos "estudantes arregimentados" mas que revelaria desde logo especiais capacidades e interesses nesta temática e que se ocuparia, em especial, da moldagem sistemática com "latex" das rochas decoradas. Aliás, Pinho Monteiro e Martinho Baptista rapidamente direccionariam os seus interesses para o estudo da "Arte Rupestre"<sup>4</sup>, de que este último, antigo director do Centro Nacional de Arte Rupestre, é hoje considerado um dos maiores especialistas portugueses. Francisco Sande Lemos, como adiante veremos,

retomará os seus interesses pelo Paleolítico, embora mais tarde tenha inflectido a sua carreira de investigador para outros domínios, nomeadamente após a sua transferência profissional para o Norte no final dos anos 70, onde integraria a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. De entre os colaboradores mais assíduos nesta fase e que, de um modo ou de outro viriam a ter intervenção mais ou menos visível na Arqueologia portuguesa no último quartel do Século XX, há ainda outras referências obrigatórias<sup>5</sup>. Desde logo, Mário Varela Gomes, estudante de arquitectura, muito próximo de Pinho Monteiro que também descobre no Tejo a sua vocação pela “arte rupestre”, posteriormente alargada ao megalitismo e outras áreas. Manuela Martins, que se viria a doutorar na Universidade do Minho em domínios da Proto-história, ou ainda João Ludgero e Rui Parreira, desde sempre interessados pela Pré-história recente e hoje conhecidos arqueólogos com vasta carreira ao serviço da Administração Pública. Há também que recordar neste contexto, ainda que a eles voltando mais adiante, o grupo dos que, ligados originalmente ou desde muito cedo ao GEPP, irão manter aceso o interesse pelo Paleolítico, retomando posteriormente o seu estudo no Ródão. Para além do caso já referido de Francisco Sande Lemos, podemos referir Luis Raposo, José Mateus e o autor deste texto, a que depois se associariam outros colegas mais novos. Seria injusto, deixar de recordar os colegas universitários, com interesses fora ou para além da Arqueologia e que colaboraram entusiasticamente no salvamento pelo registo da Arte Rupestre do Tejo. Entre outros citamos a cantora lírica Helena Afonso, presente logo no dia da descoberta, Vítor Serrão e Fernando António Baptista Pereira, historiadores de arte, Clara Vaz Pinto, Teresa Marques, Isabel Costeira, José Cortês ou Amália Carvalho, todos eles com futuras intervenções profissionais na área cultural. Seria imperdoável deixar de referir de novo o papel de Maria Querol, a estudante espanhola que fez parte do pequeno grupo que participou na descoberta e que, já como assistente universitária, participaria com diversas alunas em diferentes fases dos trabalhos de levantamento arqueológico da arte do Tejo. Com efeito, Maria Querol chegaria a Catedrática da Universidade Complutense de Madrid, tendo sido à dada altura da sua carreira, Subdirectora Geral de Arqueologia do Ministério da Cultura de Espanha. Por fim, e essa é talvez uma das heranças mais interessantes e duradoiras da intensa presença de todos estes jovens estudantes no Ródão, há que lembrar os “recrutamentos” a nível local em resultado da estreita relação mantida pelo grupo com a comunidade

do Ródão. Referimo-nos aos então adolescentes João Caninas e Francisco Henriques que iniciariam assim um largo e frutuoso percurso pela arqueologia e pela antropologia cultural da Beira Baixa, contribuindo com o seu labor, quase sempre feito em regime de voluntariado, para o lançamento de importantes projectos de investigação de âmbito regional mas de enorme alcance cultural, até porque cimentados numa sólida base associativa<sup>6</sup>, afinal o espírito que de algum modo correspondera à matriz original do próprio GEPP.

Com equipas de voluntários no terreno que chegaram a atingir 25 elementos, o grosso dos trabalhos de levantamento, incluindo prospecção, inventário, fotografia, moldagem e topografia, viria a decorrer entre os Verões de 72 e de 73, correspondendo a cerca de 6 meses de trabalho de campo com a produção de milhares de moldes (1652) e de fotografias (4000). Ainda que num contexto já exterior ao GEPP, vários membros da equipa original, nomeadamente António Martinho Baptista, Manuela Martins, Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes, continuariam ainda linhas de investigação próprias até praticamente ao enchimento da Albufeira, ou mesmo para além da formação desta, em especial nos núcleos não permanentemente submersos, como o Cachão de São Simão na margem Alentejana.

## Os estudos de Paleolítico no Ródão

Como ficou bem demonstrado, a descoberta da “Arte Rupestre do Tejo”, acabou por desviar os elementos do GEPP das motivações originais que os haviam trazido ao Ródão no Outono de 1971. No entanto, o reconhecimento arqueológico da envolvente do Rio em função da necessária contextualização das manifestações rupestres, acção em que Francisco Sande Lemos se empenharia de forma mais consequente, associada à anterior experiência de prospecção em formações quaternárias de alguns dos intervenientes, acabou por proporcionar as primeiras localizações de sítios paleolíticos à superfície dos diversos níveis de terraços que se desenvolvem a montante e a jusante das Portas do Ródão.

Uma primeira notícia sobre o tema foi apresentada ao III Congresso Nacional de Arqueologia realizado no Porto no Outono de 1973, se bem que não tenha chegado a ser publicada. De entre os locais então referenciados, destacava-se já a “Cascalheira da Fonte das Virtudes”, uma plataforma natural junto à linha de Caminho de Ferro da Beira Baixa, imediatamente a jusante das Portas do Ródão e próximo de umas antigas termas populares (Fonte das Virtudes) mais tarde rebaptizada como “Estação Paleolítica de Vilas Ruivas”. Ainda que se tenham mantido sempre em aberto outras opções geográficas de pesquisa<sup>7</sup>, alguns elementos do GEPP, em especial Luís Raposo e Francisco Sande Lemos, começaram a dedicar maior atenção aos vestígios paleolíticos do Ródão, promovendo acções pontuais de reconhecimento e prospecção das quais ia resultando a recolha de abundantes materiais líticos de superfície. Submetidos a exaustivos e sempre muito discutidos processos de análise morfo-técnicas, defendidos em especial por Luís Raposo, esses materiais proporcionavam campo para a experimentação de modelos formais estatísticos que pareciam então ser a solução ideal para ultrapassar as limitações da tradicional seriação de materiais líticos por “patines”, base dos modelos cronológico-culturais desenvolvidos algumas décadas antes por Breuil e Zbyzewski e que os membros do GEPP tanto criticavam. No entanto, a dificuldade em detectar sítios com inequívoco interesse estratigráfico e, sobretudo, a ausência de restos faunísticos, pareciam esgotar as potencialidades arqueológicas da zona. Essa circunstância, entre outras, acabaria por conduzir mais tarde à abertura de novas frentes geográficas de pesquisa, nomeadamente na região de Tomar, sob a responsabilidade de alguns dos membros do GEPP, como José Mateus, Carlos Pimenta ou Maria João Coutinho. No entanto, as pesquisas no Ródão acabariam por conhecer algum progresso, graças à realização das primeiras sondagens no sítio de “Vilas Ruivas” no Verão de 1976 e à identificação de nova estação, o “Monte do Famaco” em 1977. As sondagens, concretizadas a partir de precária base logística instalada na própria Fonte das Virtudes, confirmaram a existência de pelo menos um nível de ocupação “mustierense” em Vilas Ruivas, enquanto nas prospecções do “Monte do Famaco” seriam recolhidos centenas de típicos bifaces e machados “acheulenses”. Perante estes novos sítios, a que se somaria ainda no início dos anos 80 a identificação da estação “mustierense” da “Foz do Enxarrique”, local que, pela primeira vez na região, revelaria importantes restos faunísticos fossilizados associados a indústria lítica,

iniciava-se então um intenso ainda que curto ciclo na arqueologia do Ródão e na actividade do GEPP que se prolongaria até cerca de 1982. Nesta fase são identificadas, escavadas e "moldadas" as "estruturas de habitat do Paleolítico Médio de Vilas Ruivas", funcionando esta escavação, como uma verdadeira ainda que informal "escola de campo" de toda uma segunda geração de jovens arqueólogos. Com efeito, primeiro nas escavações de Vilas Ruivas e do Monte do Famaco e posteriormente nas da Foz do Enxarrique, colaborariam muitos estudantes, provenientes em especial da Universidade de Lisboa, nomeadamente João Zilhão, Ana Cristina Araújo, Luiz Oosterbeek, Ana Rosa Cruz, Maria João Valente, Margarida Salvador, entre outros, mas também da Universidade do Porto, como João Pedro Ribeiro ou Luís Meireles, quase todos eles hoje com carreiras destacadas na investigação pré-histórica.

A raridade e a mais-valia museológica das estruturas de cabanas de "Vilas Ruivas", hoje em dia muito citadas internacionalmente a propósito das origens e evolução do "habitat" paleolítico, indo ao encontro das preocupações de ordem metodológica e teórica que haviam estado na origem do próprio GEPP, funcionariam como catalisador da sua actividade nesta fase, ela própria marcada por grande voluntarismo e espírito colectivo a que não seria estranho o ambiente político e social em que o país mergulhara a partir de Abril de 1974<sup>8</sup>. Só tal facto explica que, em circunstâncias particularmente difíceis, tenham decidido proceder à moldagem das "estruturas de habitat" e à sua transposição para o Museu de Castelo Branco, operação logística complexa, só possível graças ao estímulo e apoio do Director do Museu de Castelo Branco, António Salvado e à estreita colaboração da Câmara Municipal do Ródão. Para o sucesso da operação, seria crucial a experiência adquirida alguns anos antes por vários elementos do GEPP nas escavações de "Pincevent", graças como já recordámos à iniciativa pioneira de Francisco Sande Lemos. Com efeito, do ponto de vista metodológico e conceptual, a moldagem das estruturas de Vilas Ruivas, com as necessárias adaptações, decorreu directamente do exemplo de "Pincevent", sítio conhecido pelas raras estruturas de cabanas "magdalenenses" descobertas em meados dos anos 60 nas margens do Rio Sena (RAPOSO e SILVA, 1981). A equipa de André Leroi-Gourhan, tirando partido de excepcionais condições de preservação dos solos ocupados pelos últimos caçadores paleolíticos, explorava neste projecto, metodologias de escavação e registo

de grande minúcia e rigor que lhe proporcionariam as conhecidas análises funcionais "paleo-etnográficas". Por outro lado, a moldagem e a reconstituição museológica efectuada "*in loco*", era assumida como complemento social do próprio processo de construção e divulgação do saber arqueológico. Ainda que em circunstâncias deposicionais muito diversas, "Vilas Ruivas", com as suas estruturas habitacionais finalmente reconstituídas no Museu de Castelo Branco no âmbito de uma exposição inaugurada em Abril de 1981, guardadas as óbvias proporções, parecia ser o "Pincevent" português, representando de algum modo uma ruptura face à tradicional e limitada abordagem arqueológica dos Serviços Geológicos de Portugal aos vestígios paleolíticos do nosso território.

No início dos anos 80, porém, a estrutura base de composição do GEPP começaria a alterar-se, quer por razões de ordem pessoal e profissional dos seus membros quer, em particular, pelas grandes transformações que a arqueologia portuguesa iria sofrer, na sequência do IV Congresso Nacional de Arqueologia realizado na cidade de Faro em Maio de 1980 e que culminariam com criação do IPPC e dos Serviços Regionais de Arqueologia no Outono desse mesmo ano. Surgem novas oportunidades de carreira criadas pelo desenvolvimento acelerado das Universidades e, finalmente, reconhecido, o total vazio da Administração Pública nos domínios do Património Cultural, abrem-se novos lugares na Secretaria de Estado da Cultura. De facto, talvez mais por falta de concorrência do que por exclusivo mérito próprio, os membros do GEPP acabaram por, naturalmente, encontrar os seus caminhos numa profissão que, de facto, só então estava a surgir em Portugal. Já em 1978 o GEPP promovera prospecções em diversas cavidades da região de Tomar e no Verão de 1980, em paralelo com as moldagens de Vilas Ruivas, concretizam-se as primeiras sondagens nas Grutas do Caldeirão e da Avecasta. Em 1981 os trabalhos da frente de Tomar intensificam-se, com escavações de salvamento na Estrada do Prado, articuladas com o recém-criado Departamento de Arqueologia do IPPC e a abertura de nova frente na Lapa dos Furos. Mas é em 1982 que, com naturalidade e praticamente sem traumas, o projecto GEPP se pode considerar extinto. Luís Raposo e António Carlos Silva, concentravam esforços na prometedora "Foz do Enxarrique" mantendo viva a ligação ao Ródão<sup>9</sup>, enquanto a nova geração, concentrada em Tomar e liderada em especial por João Zilhão (Gruta do Caldeirão) e Luiz Oosterbeek (Gruta do Cadaval) cria os seus próprios caminhos, alguns dos quais reconhecidamente, com grande impacto no

desenvolvimento da investigação pré-histórica em Portugal. Por outro lado, os projectos no domínio da paleoecologia, desde sempre especial preocupação de José Mateus, Maria João Coutinho, Carlos Pimenta e Paula Queirós, encontram finalmente condições para se desenvolverem profissionalmente. Primeiro no Museu Nacional de Arqueologia com o embrião de um "Laboratório de Paleoecologia", mais tarde transferido para o Jardim Botânico da Universidade de Lisboa onde se cruza definitivamente com as Ciências Naturais. É quase a mesma equipa e o mesmo espírito do velho GEPP que, regressando à esfera da Cultura em 1999, viria a estar na origem do CIPA (Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências) constituído no âmbito do Instituto Português de Arqueologia. Aliás, a propósito desta instituição, criada em 1997 na sequência do extraordinário debate público em torno das descobertas de Arte Rupestre do Côa e que até à sua extinção em 2007, marcaria de forma indelével o grande salto qualitativo e quantitativo da Arqueologia portuguesa, vale a pena referir, sem daí querer tirar grandes ilações, alguns factos curiosos. A sua Comissão Instaladora (1995/1996) foi presidida por Vítor Oliveira Jorge, o fundador do GEPP, e integrava como vogais António Carlos Silva e Luiz Oosterbeek. No entanto, o primeiro Director do IPA (1997-2002) viria a ser João Zilhão. António Martinho Baptista chefiava o Centro Nacional de Arte Rupestre e Luís Raposo era já o director do Museu Nacional de Arqueologia.

Enquanto projecto "científico" colectivo, fruto do seu tempo e profundamente idealista nos seus objectivos, o GEPP esfumou-se em pouco mais de uma década, face aos projectos individuais dos seus diversos membros. De então, sobram alguns ecos, especialmente intensos quando, por qualquer bom motivo, como é o caso, surge a oportunidade de recordar esses primeiros passos dados em comum numa Arqueologia portuguesa que mudou profundamente no último quartel do Século. Mas, pesem embora os diferentes caminhos trilhados por todos, uns mais na área da "investigação", outros na da "salvaguarda do património", outros ainda no "ensino", terá ficado a memória de que, pelo menos num já distante momento das nossas vidas, nos encontrámos todos numa encruzilhada em que parecia haver um "sentido" inequívoco para aquilo que gostávamos e queríamos fazer.

## Notas

<sup>1</sup> Em colaboração com o linguista José António Meireles e o "informático" Luís Moniz Pereira, especialista de "inteligência artificial", actualmente Professor Catedrático na Universidade Nova de Lisboa. Na iniciativa colaborou, entre outros, António Damásio, hoje o celebrado autor de "O Erro de Descartes". As comunicações apresentadas ao Colóquio foram publicadas pela Presença em 1971 e reeditadas em 1974, sob o título "*Novas perspectivas das Ciências do Homem*".

<sup>2</sup> Eduardo Cunha Serrão, economista de profissão, era um prestigiado membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses que aliava à abertura de espírito às novas correntes e perspectivas, a generosidade e paciência para com os mais novos que frequentemente "abusavam" de tais qualidades.

<sup>3</sup> "Diário de Notícias" de 20/01/72; "Times" de Londres: 21/1/72, "New York Herald Tribune" 21/1/72.

<sup>4</sup> Para o que muito contribuíram as relações entretanto estabelecidas com o arqueólogo E. Anati que visitaria o Tejo, pouco tempo antes da subida das águas da Barragem do Fratel. Infelizmente, a carreira de Pinho Monteiro seria brutalmente interrompida com o seu precoce falecimento em 1982.

<sup>5</sup> A extensa lista de "autores" da comunicação presente ao III Congresso Nacional de Arqueologia, realizado no Porto em Novembro de 1973 (BAPTISTA et al, 1974), congrega o núcleo principal dos intervenientes no processo de levantamento da arte rupestre.

<sup>6</sup> Nomeadamente através de um "Núcleo Regional de Investigação Arqueológica" (NRIA), ainda hoje activo no âmbito da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>7</sup> A propósito, lembra-se um caso curioso acontecido em 28 de Setembro de 1974, no regresso de uma "expedição" de vários elementos do GEPP às praias elevadas da zona de Porto Covo. Já em Almada, na portagem da Ponte, foi muito difícil justificar aos sindicalistas e militares que barricavam todos os acessos a Lisboa para evitar a manifestação da "maioria silenciosa" convocada pelo General Spínola, então Presidente da República, qual o verdadeiro destino dos numerosos "calhaus" que se acumulavam na bagageira da viatura...

<sup>8</sup> Os elementos do GEPP, então quase todos a iniciarem carreiras no ensino secundário, dedicavam os tempos livres e as férias à investigação arqueológica, assinavam colectivamente os artigos e chegaram a alugar a expensas próprias, uma "loja" na calçada de Carriche que funcionou durante alguns meses como sede.

<sup>9</sup> Para além da sua importância científica, hoje reconhecida internacionalmente graças às datações absolutas entretanto obtidas, as escavações da Foz do Enxarrique (1982-1991) sítio identificado por Francisco Henriques um dos fundadores do NRIA, tiveram o mérito de manter acesa a profunda ligação afectiva de alguns dos membros do GEPP quer ao Ródão, propriamente dito (onde cooperaram com o Município na instalação de um Centro Municipal de Cultura) quer com a região, através da cooperação com a Associação de Estudos do Alto Tejo e o Museu de Castelo Branco. As escavações no Enxarrique, que nas suas últimas campanhas já se faziam sob a exclusiva responsabilidade de Luís Raposo, foram retomadas por este investigador entre 1998 e 2002.



## Bibliografia

- BAPTISTA, A.M.; GOMES, M.V.; LEMOS, F.S.; MARQUES, T.; MARTINS, M.; MONTEIRO, J.P.; RAPOSO, L.; SERRÃO, V.; SILVA, A.C.; QUEROL, M.A. e SERRÃO, E.C. (1974) – O complexo de arte rupestre do Tejo – processos de levantamento. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, v. 1.
- FERREIRA, O.V. (1973) – Acerca das chamadas “gravuras rupestres” de Fratel (Portas de Ródão), *Dólmen*. Lisboa, 1.
- GEPP (1977) – O estudo do paleolítico da área do Ródão. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série III, 7, p. 31-47.
- GEPP (1983) – A estação paleolítica de Vilas Ruivas (Ródão) Campanha de 1979. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série IV, 1, p. 15-38.
- JORGE, V.O. – (1977) *Ensaios sobre Paleoantropologia Cultural*. Porto. Secção de Textos do Centro Universitário do Porto.
- LEMOS, F.S. (1997) – A vã glória de escrever no presente a história que vai ser investigada no futuro. *Fórum*. Braga, 22, p. 85-92.
- QUEROL, M.A.; BAPTISTA, A.M.; MONTEIRO, J.P.; LEMOS, F.S. (1975) – Moldes de goma líquida (látex pré-vulcanizado) aplicados al estúdio de los grabados rupestres. *Actas de las I Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciências Históricas*. Santiago de Compostela, I, p. 121-124.
- RAPOSO, L. (2003) – A acção de D. Fernando de Almeida na Direcção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. S.IV. n.º 22, p. 13-64.
- RAPOSO, L.; SILVA, A.C. (1981) – *A transposição de um solo de habitat paleolítico de Vilas Ruivas (Ródão) para o Museu Tavares Proença*. Castelo Branco: Museu Tavares Proença Júnior.
- RAPOSO, L.; SILVA, A.C. (1981) – Elementos de cultura material na estação paleolítica de Vilas Ruivas. *Arqueologia*. Porto, 4, p. 99-104.
- RAPOSO, L.; SILVA, A.C.; SALVADOR, M. (1985) – Notícia da descoberta da estação mustierense da Foz do Enxarrique (Ródão). Elementos de

cultura material na estação paleolítica de Vilas Ruivas. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa, v. 2.

RAPOSO, L.; SILVA, A.C. (1996) – *A Linguagem das Coisas. Ensaios e Crónicas da Arqueologia*. Publicações Europa-América, Lisboa.

SERRÃO, E.C.; LEMOS, F.S.; MONTEIRO, J.P.; QUEROL, M.A.; JORGE, S.O. e JORGE, V.O. (1972) – O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (V.V. de Ródão-Nisa) Primeiras hipóteses e programa de trabalhos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série III, p. 63-77.

SERRÃO, E.C.; LEMOS, F.S.; MONTEIRO, J.P.; QUEROL, M.A.; JORGE, S.O. e JORGE, V.O. (1972) – O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão-Nisa) Notícia Preliminar. *Arqueologia e História*. Separata, Lisboa, 9.ª Série, IV.

SERRÃO, E.C.; LEMOS, F.S.; MONTEIRO, J.P.; QUEROL, M.A. (1973) – Notícia de novas descobertas no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, 1, p. 7-17.

SOROMENHO, P.C.; SERRÃO, E.C.; LEMOS, F.S. (1972) – Arte Rupestre Tagana. *Olisipo*. Lisboa, 185, p. 3-20.

## Resumo

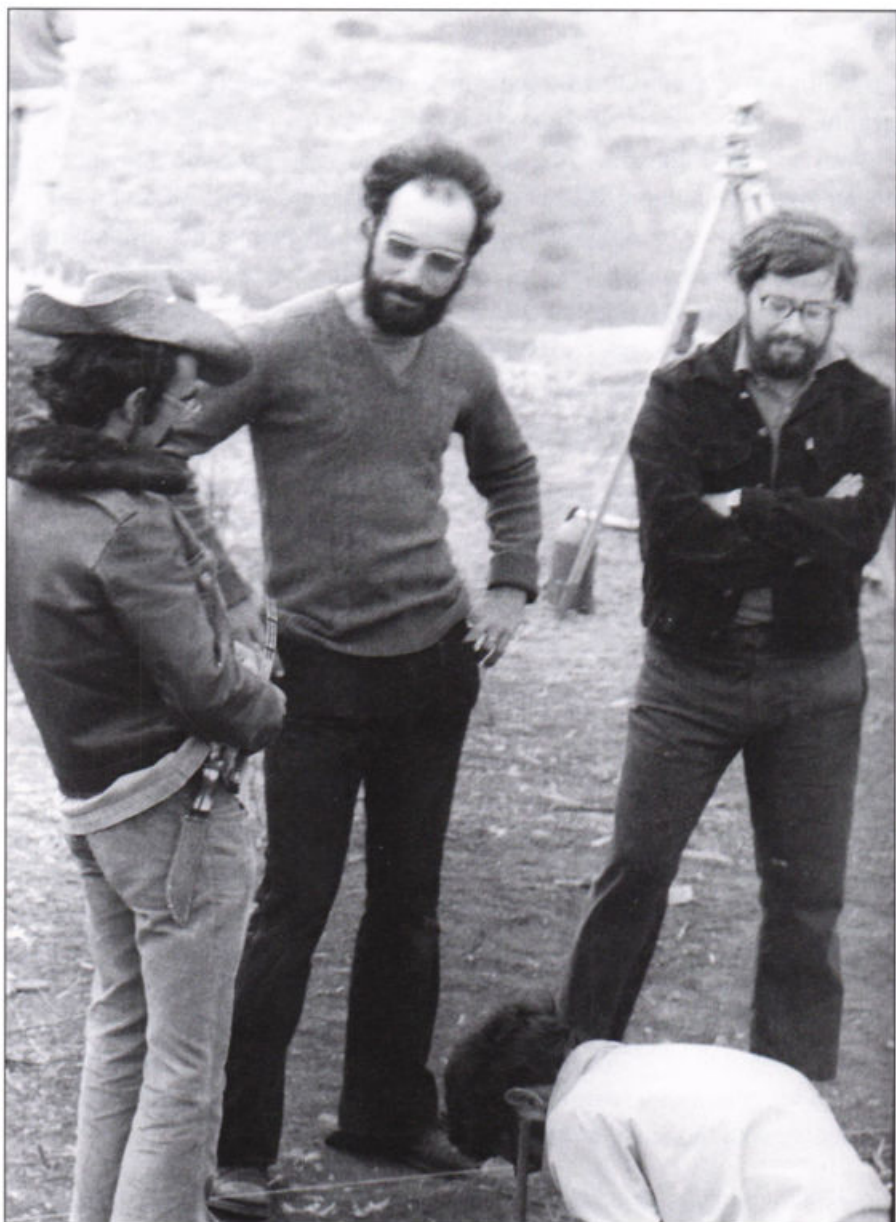
Pretende-se com este texto traçar uma breve retrospectiva da formação e desenvolvimento do GEPP (Grupo de Estudos do Paleolítico Português), criado nos inícios dos anos 70 do século XX, no qual Francisco Sande Lemos desempenhou um importante papel, ao lado de um extenso grupo de jovens entusiastas pela Arqueologia pré-histórica. Foi no âmbito dos trabalhos do GEPP, em Vila Velha de Ródão, que foi identificada a arte rupestre do Vale do Tejo, cujo trabalho de levantamento e estudo foi precedido da sua submersão pela albufeira da Barragem de Fratel em 1974. Por sua vez, o GEPP esteve na origem de uma equipa que realizou alguns dos mais importantes trabalhos de investigação no âmbito do estudo do Paleolítico português.

**Palavras-chave:** arqueologia portuguesa, GEPP, arte rupestre do vale do Tejo; paleolítico português.

## Abstract

It is intended in this text to draw a brief review of the creation and development of GEPP (Group of Studies of Paleolithic Portuguese), created in the early 1970s, in which Francisco Sande Lemos played an important role, along with an extensive group of young enthusiasts about Prehistoric Archaeology. It was in the context of research done by GEPP in Vila Velha de Rodão that was identified the Tagus Valley rock art, whose survey and study were preceded by its submersion in 1974 by Fratel Dam reservoir. In turn, the GEEP has also been in formation of a team that made some of the most important research connected with the study of Paleolithic Portuguese.

**Keywords:** portuguese archaeology; GEPP; Tagus valley rock art; portuguese Paleolithic.



Francisco Sande Lemos, à esquerda, com José Morais Arnaud e António Brazão Ferreira, nas escavações do Castro do Penedo do Lexim, Mafra (1975).



Chegada à Fonte das Virtude, Vila Velha de Ródão, para mais uma campanha de escavações no sítio paleolítico de Vilas Ruivas (1978?). Da esquerda para a direita: José Mateus, Luis Raposo, Francisco Sande Lemos, Isabel Costeira, António Carlos Silva e José Américo Ferreira.



Pausa nas escavações do Penedo do Lexim (1975). Em primeiro plano Francisco Sande Lemos e em segundo plano, Isabel Costeira, Rui Parreira e António Martinho Baptista.